



Sesc^{tv}

EDIÇÃO N.106 / JANEIRO DE 2016

PRODUÇÕES PREMIADAS
**A AMÉRICA LATINA
BUSCA O PÚBLICO
INFANTOJUVENIL**

ENTREVISTA
**MOACIR DOS ANJOS E A
ARTE CONTEMPORÂNEA**

MÚSICA
**TRIBUTO A OSCAR
CASTRO-NEVES**



ARQUITETURAS

Praias do Capibaribe - PE
27/2, às 21h

Foto: Divulgação

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

índice

DESTAQUES

- 4 Criança levada a sério
- 6 Na origem da bossa
- 7 Histórias que rendem boas histórias

ENTREVISTA

- 8 “Moacir dos Anjos: Diálogos com a arte”

ARTIGO

- 12 “Diálogo com a diversidade” por Beth Carmona

ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



capa

Curta-metragem *Sonhos* (Brasil, 2013). Direção: Haroldo Borges. Produção premiada no comKids Prix Jeunesse Ibero-americano de 2015.

Foto: Divulgação

editorial

Lugar de encontros

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do Sesc São Paulo

É intrínseco à linguagem audiovisual seu potencial para além do entretenimento, reconhecendo seu alcance, impacto e influência social. Nesse sentido, é possível entender a televisão também dentro de uma perspectiva educativa, de formação cultural e cidadã, que promova diálogos e aproximações, questionamentos e apreciações, tanto no campo da diversidade quanto das narrativas. Entre os desafios apresentados nessa área está o de pensar estrategicamente uma programação plural e consciente de qualidade, sobretudo para crianças e adolescentes, em que temas inerentes à construção das relações humanas podem ser desenvolvidos.

O SescTV apresenta, neste mês, uma mostra da atual produção audiovisual voltada ao público infantojuvenil, com a exibição das obras premiadas na edição de 2015 do festival comKids Prix Jeunesse Ibero-americano. São 14 produções do Brasil e de países latino-americanos, além de Portugal e Espanha.

No compromisso da diversidade do pensar, o canal exhibe episódios inéditos das séries Filosofia Pop, Super Libris e Arquiteturas. Na programação musical, destaque para o show Tributo a Oscar Castro-Neves, que presta uma homenagem a um dos precursores da bossa nova.

A **Revista do SescTV** deste mês traz entrevista com o crítico e curador Moacir do Anjos, que discute os diálogos possíveis entre o audiovisual e as artes contemporâneas. No artigo de Beth Carmona, diretora e curadora do comKids Prix Jeunesse Ibero-americano, uma reflexão sobre a produção audiovisual para crianças e adolescentes. Boa leitura e bom ano! ●

Criança levada a sério

Valorização da realidade local, diversidade de linguagens e narrativas criativas estão no foco da produção audiovisual latino-americana para o público infantojuvenil



Como realizar uma produção audiovisual para o público infantojuvenil que seja, ao mesmo tempo, lúdica e atrativa e lide com questões conceituais que irão contribuir para seu desenvolvimento cognitivo, seu relacionamento interpessoal e sua formação cidadã? Essa é uma reflexão cada vez mais presente entre os profissionais de cinema e televisão que realizam produções para crianças

e adolescentes, em especial na América Latina. Entender as especificidades desse público, valorizar a diversidade de linguagens e elaborar narrativas que permitam uma identificação com a realidade local são alguns dos pontos considerados essenciais para uma produção de qualidade.

Trata-se de um debate que tem ganhado espaço no território latino-americano, que vive um

SESCTV EXIBE PRODUÇÕES PREMIADAS NA ÚLTIMA EDIÇÃO DO COMKIDS PRIX JEUNESSE IBERO-AMERICANO



FOTO: DIVULGAÇÃO

momento de expansão e diversificação das possibilidades de acesso a essa produção, ainda que tenha havido um encolhimento da programação infantil nos canais da TV aberta. Isso porque houve um crescimento do número de produções disponíveis no acesso sob demanda, pela internet, sem contar os investimentos em canais infantis na TV por assinatura. Pesquisas recentes

revelam que os acessos aos vídeos sob demanda não só cresceram nos últimos anos como já ultrapassam a audiência da televisão aberta, sobretudo na América Latina, com aumento do número de pessoas conectadas e da oferta de conteúdo por streaming.

“A situação da distribuição de conteúdo, que se transforma a cada ano, traz novas oportunidades de fruição de conteúdo, *online e offline*”, afirma Beth Carmona, diretora e curadora do comKids Prix Jeunesse Ibero-americano, festival que reúne profissionais anualmente para discutir, intercambiar e valorizar essa produção. O evento é uma versão do Prix Jeunesse Internacional, mostra competitiva criada em Munique, na Alemanha, para estimular a troca de ideias e buscar uma programação que dialogue com o público infantil de forma acessível, afetuosa e inteligente. A edição de 2015, realizada no Sesc Consolação, teve mais de 240 obras inscritas, de 12 países da América Latina e da Península Ibérica, articulando profissionais e iniciativas dos setores de mídia, cultura e educação, e construindo pontes e projetos entre esses países.

O festival conta com uma premiação por categorias de idade e também com o Prêmio Aquisição SescTV, que neste ano contemplou o episódio *Tlahuitoltepec, Oaxaca* da série mexicana *Meu lugar*, que retrata o México a partir do ponto de vista das crianças. Dirigida por Tona-tiuh Martínez, a obra premiada conta a história de Flor de Lima, uma garota de nove anos que vive em Santa María Tlahuitoltepec, um vilarejo que tem na música sua tradição. O programa, de 26 minutos, acompanha a trajetória de Flor, que junta dinheiro para comprar seu saxofone. Além desta, o SescTV exibe outras 14 produções latino-americanas nos dias 22 e 29 deste mês e 5/2. Leia, na página 12 desta edição, artigo de Beth Carmona sobre a produção audiovisual para crianças e adolescentes. ●



COMKIDS PRIX JEUNESSE IBERO-AMERICANO, DIAS 22/1; 29/1 E 5/2, 20H

Produções premiadas em 2015. Classificação indicativa: Livre



Veja o teaser da programação:





FOTO: DIVULGAÇÃO

Na origem da bossa

Ao lado de Tom Jobim e João Gilberto, Oscar Castro-Neves inaugurou a bossa nova, liderando as primeiras formações instrumentais desse gênero musical



Em 1962, um histórico concerto realizado no Carnegie Hall, em Nova Iorque, consagrava o gênero da bossa nova no exterior. No palco, ao lado de Tom Jobim e João Gilberto, estava Oscar Castro-Neves, cantor, instrumentista, arranjador e compositor, considerado um dos principais músicos de sua geração. Trigêmeo, nascido em uma família carioca de músicos, Castro-Neves é uma das referências da música brasileira. “Sua importância artística dispensa comentários. Sua carreira, através dos anos, prova isso”, conta o percussionista Marco Bosco, que destaca a participação de Castro-Neves no antológico álbum *Elis e Tom*, em 1974.

Sobre a musicalidade de Castro-Neves, o diretor musical, arranjador e pianista Paulo Calasans ressaltava suas especificidades “na maneira de pensar, nos encadeamentos harmônicos que usava, nas levadas, (no

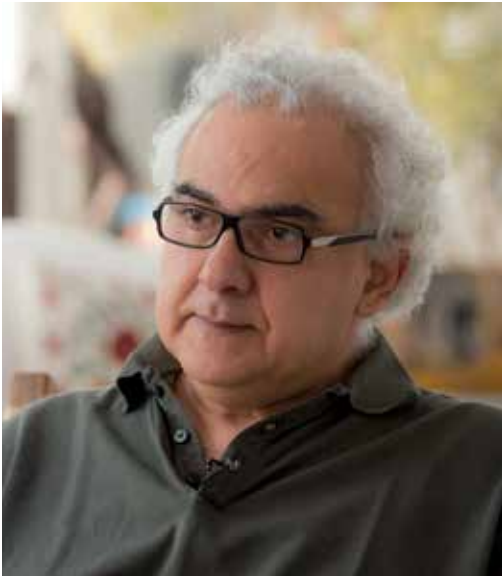
modo) como ele colocava tudo muito bem organizado, com uma característica muito forte”. Castro-Neves viveu grande parte de sua vida nos Estados Unidos, onde faleceu, em 2013, aos 73 anos. Fez parcerias com vários artistas internacionais como Michael Jackson, Barbra Streisand e Stevie Wonder, além de ter composto trilhas sonoras de filmes, como *Mudança de Hábito 2*.

O SescTV exhibe este mês o musical *Tributo a Oscar Castro-Neves*. Gravado em agosto de 2015, no Sesc Belenzinho, na capital paulista, o show conta com os músicos que participaram da gravação de seu último álbum *Live at Blue Note Tokyo*: Paulo Calasans (piano acústico e teclados), Marcelo Mariano (baixo elétrico), Marco Bosco (percussão), Cuca Teixeira (bateria) e Sebastião Tapajós (violão); além das participações especiais de Alaíde Costa e Leny Andrade. ●



TRIBUTOS A OSCAR CASTRO-NEVES, DIA 13, 20H

Direção para TV: Antonio Carlos Rebesco.
Classificação: Livre



Histórias que rendem boas histórias

DIA 4, 21H. Brasil. Direção para TV: José Roberto Torero. Classificação: Livre.

As histórias de família são “um tema tão antigo quanto a escrita, e até anterior a ela”, afirma o escritor Milton Hatoum. Ganhador de Prêmios Jabuti por *Relato de um Certo Oriente*, *Dois Irmãos* e *Cinzas do Norte*, Hatoum conta que os relatos familiares surgiram como narrativas orais e foram fundamentais para a literatura. As tragédias gregas estão repletas de conflitos dessa ordem, como *Édipo Rei*, de Sófocles, cuja trama se passa em um ambiente familiar, envolto em paixões, enganos e traições. “Mesmo nos contos orientais, no livro d’*As Mil e Uma Noites*, o tema das relações familiares é muito comum”, explica o brasileiro. Para ele, família perfeita não inspira um bom romance, o escritor deve “romper a harmonia e criar personagens problemáticos que vivenciem dramas interiores, pois a literatura depende muito da imaginação do escritor”. Milton Hatoum é entrevistado no episódio *Histórias de Família* da série Super Libris. ●



Depressão versus Felicidade

DIA 17, 20H. Brasil. Direção para TV: Esmir Filho. Classificação: Livre.

É possível ser plenamente feliz? Para o filósofo Julio Cabrera, a noção de felicidade imposta na sociedade ocidental contemporânea tem origem na filosofia europeia e “vem com uma carga política que não é boa para nós”. Charles Feitosa, também filósofo, concorda e ressalta a importância de se analisar a felicidade nos dias de hoje, pois ela é um conceito muito ambicioso. A busca por esse sentimento estrangeiro, segundo o pensador, pode sofrer interferência da racionalidade humana e, nesse sentido, faz parecer que o excesso de pensamento e consciência traz a infelicidade. “Quanto mais a gente pensa, mais infeliz a gente é”, afirma Feitosa. Ele e Cabrera são convidados de Marcia Tiburi para discutir o tema no episódio inédito *Depressão X Felicidade*, da série Filosofia Pop, que traz ainda neste mês os episódios: *Mulher – O Poder e o Biopoder*, dia 3; *O Culto da Emoção*, dia 10; *Pedofilia* (foto), dia 24; e *Autoconhecimento*, dia 31. ●

MOACIR DOS ANJOS. CURADOR E CRÍTICO DE ARTE.

Pesquisador faz uma análise sobre arte contemporânea brasileira e sua relação com o audiovisual

Diálogos com a arte



Mestre e doutor em Economia, Moacir dos Anjos sempre acompanhou com interesse e proximidade a produção das artes visuais no Brasil e no mundo, o que o fez desenvolver o desejo de um envolvimento maior com o tema do que o de um mero observador. Em seus estudos acadêmicos, investigou as relações possíveis entre moeda e arte, até começar a escrever textos críticos e atuar como curador em bienais de arte, além de diversas exposições individuais, como Ver é uma Fábula – Mostra de Cao Guimarães, em 2013, no Itaú Cultural, na capital paulista.

A produção de arte brasileira está mais contemplativa ou provocativa?

Não creio ser possível falar da produção artística brasileira em bloco. Acho que coexistem, no Brasil contemporâneo, modos de representação/recriação do mundo bastante diferentes. De algum modo, eles disputam a hegemonia de uma ideia de arte brasileira, mesmo que não afirmem abertamente tal disputa, e mesmo não sendo necessário afirmá-la para que ela exista. O que alguns chamam de uma arte “provocativa”, eu chamaria de uma produção artística que elabora uma “representação das sobras”. Ou seja, uma representação de mundo (e de Brasil) que busca incluir, no campo do sensível, gentes, temas e conceitos que não possuem visibilidade no corpo social do país. Embora não seja hegemônica no Brasil, a representação das sobras é aquela que, a meu ver, produz as imagens, os objetos e os entendimentos de mundo mais relevantes para

que entendamos melhor esse lugar e esse tempo estranho (e desigual!) em que vivemos.

De que forma as novas tecnologias audiovisuais estão incorporadas na produção de arte contemporânea no Brasil?

Se chamarmos de “novas tecnologias” os instrumentos digitais de captura, tratamento e exibição de dados sobre o mundo (visuais, sonoros, tácteis etc.), acho que elas estão presentes numa parcela relevante dessa produção. Mas não colocaria tanto peso ou importância nesse fato, pois o fundamental é o que é feito com esses instrumentos. Por vezes, eles são somente acessórios que aprimoram uma ideia que, a rigor, independe de sua existência. Noutras vezes – mais relevantes, a meu ver –, as “novas tecnologias” permitem a invenção de algo, inclusive em termos conceituais, que não existiria em qualquer outro contexto. Por fim, há aquelas situações em que tais dispositivos são usados “contra” eles mesmos, no sentido de porem à prova, de forma crítica, o próprio ambiente social e político em que eles são gerados e consumidos. O próprio ambiente que ainda não permite que essas tecnologias sejam de pleno acesso para qualquer um.

No contexto geopolítico, é possível identificar uma escola artística periférica, na produção oriunda de países fora do eixo Europa – EUA?

Não diria que exista algo como uma “escola artística”, mas sim um conjunto disperso de criações artísticas que têm em comum o fato de empre-





RAIO-X
MOACIR DOS
ANJOS, RECIFE

Formação
Economia e Artes

Curadorias

- 54ª Bienal de Veneza – Pavilhão brasileiro, 2011.
- 29ª Bienal de São Paulo, 2010.
- 6ª Bienal do Mercosul, 2007.
- 30º Panorama da Arte Brasileira – MAM, 2007.



“Prefiro pensar que a tecnologia digital permite muita coisa, mas não garante quase nada.”



“Um objeto de arte pode incorporar a mais sofisticada tecnologia disponível e não fazer mais do que repetir, monotonamente, visões de mundo já assentadas e francamente conservadoras.”

“O papel político da videoarte é ser capaz de criar experiências sensíveis que desacomodem nosso olhar, que o ponham em desacordo com o que é hegemônico no mundo.”

»»

garem “sotaques” do Sul. Sul aqui entendido como o Sul Político, ou como um Sul Global. Não necessariamente um lugar definido geograficamente, mas um lugar que, histórica e politicamente, é o lugar (são os lugares) de colonização, de exploração, de violências diversas. Sul que pode estar, inclusive, na produção de artistas que atuam desde o interior dos chamados países do Norte. Os sotaques dessas produções articulam informações e instrumentos de toda a parte do mundo de um modo específico, demonstrando e desmontando, criticamente, a reprodução dessas relações desiguais de poder no mundo de hoje.

Como a videoarte contribui ou influencia a produção audiovisual contemporânea convencional?

Não vejo muito sentido em dividir a produção artística como menos ou mais convencional em função da utilização ou não de determinadas tecnologias, como o vídeo, a internet etc. Ao menos se definimos como convencional tudo o que não pode ou não quer desafiar as convenções vigentes. Um objeto de arte pode incorporar a mais sofisticada tecnologia disponível e não fazer mais do que repetir, monotonamente, visões de mundo já assentadas e francamente conservadoras. Contrariamente, outro objeto pode se valer apenas de técnicas simples e antigas e produzir efeitos sensíveis capazes de abrir fraturas nos consensos e convenções que organizam nossas vidas. Dito isto, é evidente que alguns dispositivos tecnológicos influenciam a criação, permitindo pensar e/ou produzir e/ou difundir questões diversas de modos distintos, muitos dos quais antes não podiam sequer ser imaginados.

Em particular, permitem (mas só permitem) a coleta, organização, tratamento e distribuição de informações de jeitos que potencializam nosso entendimento do mundo, embora nem sempre o que é potência se efetive.

Quais as possibilidades de interação entre a internet e as artes visuais, sobretudo a videoarte?

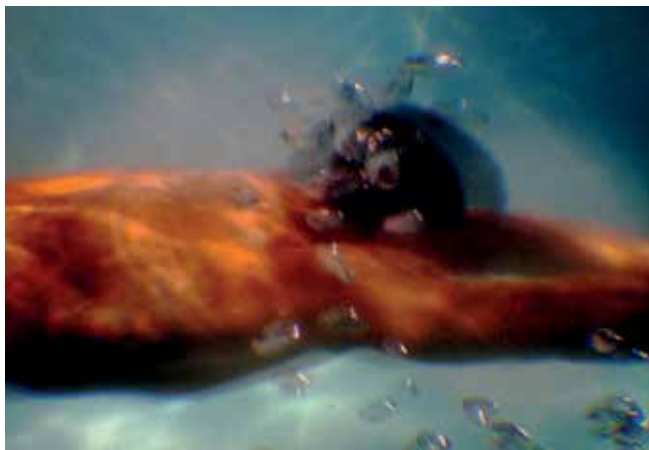
São muitas. Algumas muito pouco imaginativas, como a mera reprodução, para o ambiente da internet, de imagens ou formas ou sons criados fora dele. Outras, que se valem justamente do que é específico à rede mundial de computadores – principalmente sua capacidade de conectar pessoas e lugares diversos de modo quase imediato – para criar algo que somente poderia acontecer nesse lugar inventado pela tecnologia. São os artistas, em última instância, que ao longo do tempo vão decidir se essa relação pertence mais ao campo da ilustração ou, ao contrário, da criação de algo antes inexistente.

É preciso pensar em uma produção artística audiovisual específica e um novo tipo de fruição para as novas plataformas, como a internet?

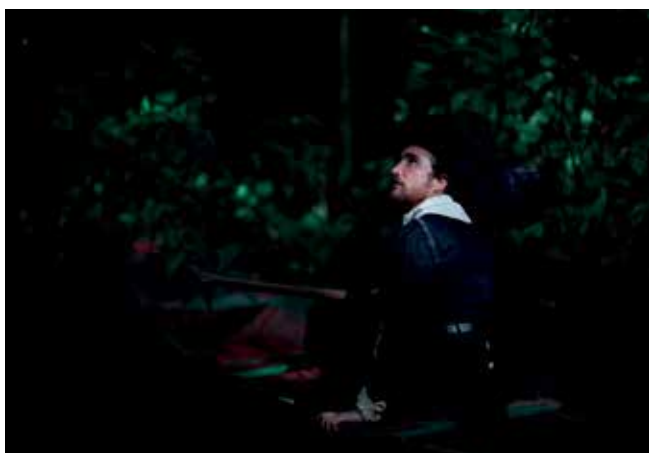
Não creio em formas puras de produção, em algo feito especificamente para uma plataforma como a internet. Prefiro pensar em formas híbridas, em descobertas, em desacordos, em atritos, em erros absurdos, em acertos inesperados. Prefiro pensar que a tecnologia digital permite muita coisa, mas não garante quase nada. Do mesmo modo, a fruição de tudo o que vem dessa plataforma é filtrada e lida a partir também de nossa experiência cognitiva de outros lugares.



VIDEOARTE EM TRÊS MOMENTOS



■ *Uakti*, de Eder Santos



■ *Ex-isto*, de Cao Guimarães

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Certas Dúvidas*, de Willian Kentridge (2014)

Talvez cheguemos a um ponto em que o uso dessas tecnologias seja de tal forma difundido em nossas vidas que nossos sentidos sejam moldados a elas somente. Mas sinceramente não consigo vislumbrar esse momento, a não ser que deixemos de lado as milhões de pessoas, em todo o mundo, que sequer têm acesso ao que é mais básico na vida (comida, casa, saúde etc.) e que têm que negociar o seu cotidiano valendo-se de tecnologias geradas em tempos distintos. E que vão continuar vivendo assim por muito tempo. Talvez para sempre.

É possível estabelecer um diálogo mais próximo (ou até buscar um protagonismo) das artes plásticas com o cinema e a televisão, explorando o tempo das imagens e o tempo das sensações?

Acho que esse diálogo ocorre o tempo inteiro, embora de uma maneira totalmente subordinada ao que é considerado mainstream nos campos do cinema e da televisão. Sou pessimista em relação à possibilidade de real “contaminação” desses campos por outras temporalidades. O jogo de forças é muito desigual, e pouco importa aos donos do poder a temporalidade crítica de tantas produções das chamadas artes visuais e de uma parcela do cinema de autor. Talvez o melhor que esse diálogo possa fazer (e já é muita coisa) é funcionar como um aviso permanente de que o que tomamos como natural quando assistimos às produções de massa no cinema e na televisão é somente dominante.

Qual o papel político da videoarte no mundo contemporâneo?

O papel político da videoarte é o mesmo que é próprio a qualquer produção artística fundada na visualidade. É ser capaz de criar experiências sensíveis que desacomodem nosso olhar, que o ponham em desacordo com o que é hegemônico no mundo. Experiências que fraturem as formas consagradas de ver e que nos exponham a outras possibilidades de cognição visual. Se isso vai ou não vai influenciar nossa maneira de atuar no mundo, vai depender somente de nós, do que fazemos, nas nossas vidas, dessas experiências. Essa é uma responsabilidade que não podemos atribuir à arte. Ela é nossa.

Diálogo com a diversidade

Beth Carmona é produtora especializada em obras audiovisuais para crianças e adolescentes, e diretora geral e editorial do comKids Prix Jeunesse Ibero-americano

por Beth Carmona Foto curta-metragem *Soberano Papelo* (Uruguai, 2014)

Os debates sobre diversidade têm ganhado espaço diante de tantos acontecimentos. A atenção para nossa natureza com tantas tonalidades se torna cada dia mais urgente. Diante do aparecimento de discursos e práticas que excluem o diverso e criam normatizações, a produção audiovisual de qualidade dedicada ao público infantojuvenil tem o desafio de criar interlocuções e representações das crianças e jovens.

Como podemos nos aproximar e dialogar com eles como sujeitos de suas vidas, com ideias e opiniões? Essa é uma questão urgente colocada na sociedade como um todo. Na América Latina isso se faz presente com força, visto que temos um enfraquecimento histórico de incentivo de uma produção regional para esse público. Por décadas, nossas crianças vêm sendo acostumadas a consumir programas e séries “enlatadas”, produzidas em outros contextos, o que pode criar representações da fantasia de um único mundo e modo de ser criança ou ser jovem. A mídia a que a maioria das crianças tem acesso costuma ser dominada por repetições de modelos, muitas vezes carregados de preconceitos e ideias estereotipadas (até sobre o que é o diferente). Nossas crianças encontram pouca representação nas telas. Crescem sem acesso a conteúdos que poderiam apoiá-las na compreensão de si mesmas e do mundo em que vivem.

Há muitas pesquisas de recepção que apontam o quanto as representações estandarizadas podem influenciar comportamentos ou criar frustrações. Hoje, a indústria está sendo questionada por apresentar padrões em que as meninas sonham ser bem sucedidas na vida e no amor, além de loiras, magras e belas.

Durante muitos anos, apenas personagens masculinos eram heróis, corajosos, destemidos e inteligentes. Meninos e meninas precisam ser emancipados dessas representações repetitivas. A vida e as histórias infantis podem ter personagens menos rasos. Sejam reais ou de ficção, as histórias têm um papel fundamental nesse aprendizado e emancipação.

Como criar interlocuções e dar visibilidade à variedade que existe nas infâncias e juventudes? Como fazer isso sob a perspectiva das crianças e jovens? É importante que produtores e criativos pensem seus projetos verificando se não estão reproduzindo preconceitos e modelos prévios. As diferenças estão sendo tratadas com naturalidade? A diversidade está sendo refletida como um potencial de invenção de histórias e personagens? Será que essas narrativas estão proporcionando uma real identificação, e não o incômodo de as crianças e jovens quererem ser o que não são?

Com o universo das múltiplas telas, as novas gerações têm construído outros processos culturais e de comunicação. A escuta e a observação dessas novas expressões são essenciais para conectar-se a elas. O diálogo precisa ser reinventado com todo seu poder criativo, sensível a uma cultura de alteridade.

Será que estamos perto das crianças, numa atitude de escuta e de aproximação? Com toda a tecnologia disponível, observar os conteúdos e os discursos produzidos pelas crianças, por meio de fotos, vídeos e redes sociais, muitas delas com canais de YouTube, é escutar e conhecer essas novas gerações que estão se organizando de outras formas, novas gerações com seus sujeitos influenciadores de outras



tantas crianças e jovens. A nova organização cultural demanda diálogo, que precisa ser constantemente aberto com toda sua força criativa.

O cenário atual da produção e da distribuição de conteúdos abre uma discussão sobre novos formatos e inserção de cores e paisagens locais. Além da qualidade, a produção tem a ver com o espaço compartilhado: comentar sobre o que se vê e a produção de sentidos em relação ao que se vê. Como construir esses sentidos compartilhados de cultura, de identidade, de memória? Como ousar, criar e potencializar uma interpretação infantil que garanta identificação; que as crianças possam se ver e reconhecer nas telas?

Novos autores e produtores estão surgindo. Com todo seu frescor, estão criando outras

interlocuções com as infâncias e juventudes, reforçando a importância da cultura da infância e da cultura para infância em todas as manifestações artísticas e culturais. A América Latina, com países de múltiplas culturas, tem essa força e característica, e vem mostrando novos modos de dialogar e olhar as crianças e jovens.

Nós, produtores e criadores do universo infantojuvenil, buscamos alimentar e povoar o imaginário infantil com boas histórias, potentes, criativas, com personagens fortes. Acreditamos que podemos ampliar os repertórios de crianças e jovens interagindo com a imensa diversidade que há no mundo. Acreditamos que, assim, podemos contribuir e inspirar, desde cedo, pessoas melhores. ●



dia 21, 21h

PRAÇA DA ESTAÇÃO DE BH Direção para TV: Paulo Markun e Sergio Roizenblit. Classificação: Livre. A praça que virou praia em Belo Horizonte é tema de episódio inédito da série Arquiteturas. Em meio ao concreto, moradores divertem-se e ocupam a cidade.

dias 20 e 27,
21h30

ARTES VISUAIS

Brasil. Direção para TV: Cacá Vivaldi. Classificação: Livre.

A Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil é tema de dois episódios da série Artes Visuais. O artista Chico Homem de Melo discorre sobre a cronologia do design gráfico no país, desde o final do século XIX até a década de 1950. Para o professor, a chegada da família real no Brasil teve extrema importância para as artes gráficas no país.

dia 3,
21h30

CAIXA CUBO TRIO

Brasil. Direção para TV: Max Alvim. Classificação: Livre.

A banda paulistana de jazz contemporâneo apresenta suas composições no Instrumental Sesc Brasil. Em seu repertório, samba, baião, música erudita e jazz compõem o show inédito, gravado no Teatro Anchieta, no Sesc Consolação. Antes, no programa Passagem de Som (21h), o grupo relembra sua trajetória.





**Dia 11,
20h**

**CAMINHAR
NA CIDADE**

Brasil. Direção para TV:
Carlos Nascimbeni.
Classificação: Livre.

A prática de Caminhar na Cidade como lazer e atividade esportiva é tema do episódio de estreia da série Movimento. O programa destaca os benefícios de adotar uma vida ativa, com episódios que convidam para uma reflexão sobre uma vida em movimento. Ainda neste mês, os episódios Ciclismo (dia 18), Meio Líquido (dia 25) e Atividade Física e a Mulher (dia 1º/2).

dia 28, 22h

O CORTE DO POETA E A ARTE DO AÇOUGUEIRO

Brasil. Direção para TV: Kiko Goifman. Classificação: 12 anos. Os princípios éticos que conduzem, por um lado, os açougueiros e, por outro, os proclamadores de poemas estão em episódio de Estilhaços. A cada semana, reflexões sobre a ética das ruas, confrontando diferentes grupos sociais.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

SUPERVISÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Hélcio Magalhães

REDAÇÃO

Adriana Reis e João Cotrim

EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

REVISÃO

Marcelo Almada

PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder



DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Adriana Reis

DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

ESTAGIÁRIA

Carolina Pulice

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site sescctv.org.br/aovivo

Acompanhe o SescTV: sescctv.org.br



/sescctv



Baixar grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: atendimento@sescctv.sescsp.org.br

Leia as edições anteriores em: sescctv.org.br

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



THÉÂTRE DU SOLEIL

Os Náufragos do Louca Esperança

Direção de Ariane Mnouchkine

parte 1 - 26/2, às 22h

parte 2 - 27/2, às 22h

"O ouro é mais forte do que o vento" Émile, personagem interpretado por Maurice Durozier.



Assista online:
sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV